

Imunização no contexto da Pandemia de COVID-19

Ações de imunização têm papel relevante na sociedade, pois as vacinas tem contribuído para redução da morbimortalidade por doenças imunopreveníveis. Atualmente, as vacinas são desenvolvidas de forma segura, passando por testes com a população antes de serem distribuídas para os serviços e, as reações graves e mortes são raras.

No Brasil, a imunização é considerada uma das principais intervenções em saúde pública, e é coordenada desde a década de 1970, pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI), que é direcionado à crianças, adolescentes, adultos, gestantes, idosos e povos indígenas, por meio do Calendário Nacional de Vacinação e de Campanhas de Vacinação. As 19 vacinas do calendário estão disponíveis em todas as unidades básicas de saúde do país, mas a população conta também com outros imunobiológicos que são ofertados pela rede privada e que são recomendados pelas Sociedades de Imunização e de Pediatria.

Ao longo de cinco décadas, o PNI consolidou a estratégia de vacinação nacional e contribuiu para o controle e a erradicação de doenças como a varíola e a paralisia infantil. Há que se destacar que a queda no número de casos de doenças imunopreveníveis é também decorrente dos avanços na produção e na conservação de vacinas, da capacitação da equipe de enfermagem que atua nesta área e, do cumprimento de amplas coberturas vacinais.

O enfermeiro desempenha papel de destaque nas ações desenvolvidas pelo PNI, atuando na gestão dos imunobiológicos, no reconhecimento da situação epidemiológica da área de abrangência dos serviços de saúde, na coordenação da equipe de enfermagem da sala de vacinação e na conscientização da população. Assim, a equipe de enfermagem com conhecimento técnico e científico contribui

de forma direta para o alcance das metas propostas pelo Programa.

Apesar de todos os avanços no campo da imunização e do sucesso dos programas, cerca de 20 milhões de crianças em todo o mundo não estão com a vacinação em dia, segundo a Organização Mundial de Saúde¹. No Brasil, a cobertura vacinal infantil vem apresentando queda desde do início dos anos 2000, com aumento do decréscimo nos últimos cinco anos. Pesquisa que analisou as áreas com queda da cobertura vacinal no país no período entre 2006 e 2016, observou uma tendência de redução no número de imunizações de 0,9%, 1,3% e 2,7% ao ano para BCG, poliomielite e tríplice viral, respectivamente.² Essa queda nos índices vacinais no Brasil pode ser decorrente do descuido das pessoas na eficácia da vacinação e da atuação de grupos anti- vacinas. Situação essa que pode elevar o risco de novas epidemias por doenças já controladas pela vacinação.

Por sua vez, a pandemia de COVID-19 trouxe uma nova valorização das vacinas, que ocupa hoje cena central na ciência, na imprensa e junto à população em geral, pela necessidade urgente da produção de um imunobiológico para combater o SARS-CoV-2. Embora a pandemia tenha suscitado o debate sobre a importância da vacinação, ela criou barreiras para que a imunização aconteça, o que é evidenciado pelo declínio acentuado no nº de crianças que tem recebido as vacinas vitais em todo o mundo.³

No Brasil, a baixa cobertura vacinal já existente foi intensificada ainda mais com a quarentena implementada como ação de combate a pandemia da COVID-19. Mesmo após a abertura das salas de vacinação, muitas famílias deixaram de levar crianças e adolescentes para as vacinações agendadas, com medo de contaminação pelo vírus, a despeito de os serviços estarem preparados para fazer uma imunização segura. Neste contexto, doenças

como o sarampo apresentaram aumento de casos em alguns estados brasileiros.

O que não podemos perder de vista é que independentemente da situação de pandemia, doenças como sarampo, varicela, febre amarela, hepatite A e B, dentre outras, persistem circulando pelo território nacional. Assim, é ainda mais fundamental que os governos, profissionais de saúde e a população em geral reafirmem o compromisso de manter a população imunizada. Ademais, os programas de imunização precisam ter continuidade para evitar uma queda ainda maior na cobertura vacinal e perdas de vidas de crianças.

Neste contexto, salienta-se o papel de destaque dos enfermeiros na mobilização da população em favor das vacinas, em especial, aqueles que atuam diretamente com as crianças e suas famílias na atenção primária à saúde, em consultas de puericultura. Esse é um espaço que deve ser aproveitado para abordar o tema e elucidar as dúvidas, oferecer orientações sobre cada vacina, em especial sobre a eficácia e a segurança das imunizações 🐦



FOTO: Divulgação

Maria Aparecida Munhoz Gaiva

Doutora em Enfermagem. Pesquisadora associada do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)